

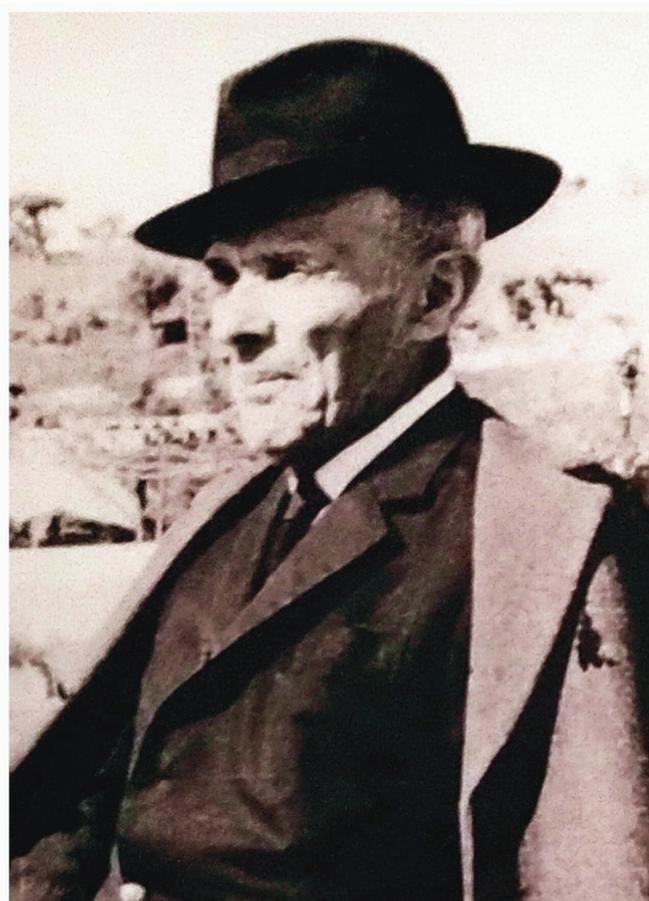
O MUNDO RURAL ALENTEJANO NA OBRA DE JOSÉ CAPELA E SILVA *

Jorge de Oliveira^{a, @}, Filomena Torres^a, e Gonçalo J. Cabral^b

^aUniversidade de Évora, CHAIA. CHAIA/UE [2023] - Research financed with Nacional Funds through FCT – Portuguese Foundation for Science and Technology, within the scope of the fallow projects: Ref.^a UIDB/00112/2020 and Ref.^a UIDP/00112/2020.

^bEngenheiro Agrónomo
@ Contacto: joli@uevora.pt

Figura 1. Eng. José Capela e Silva

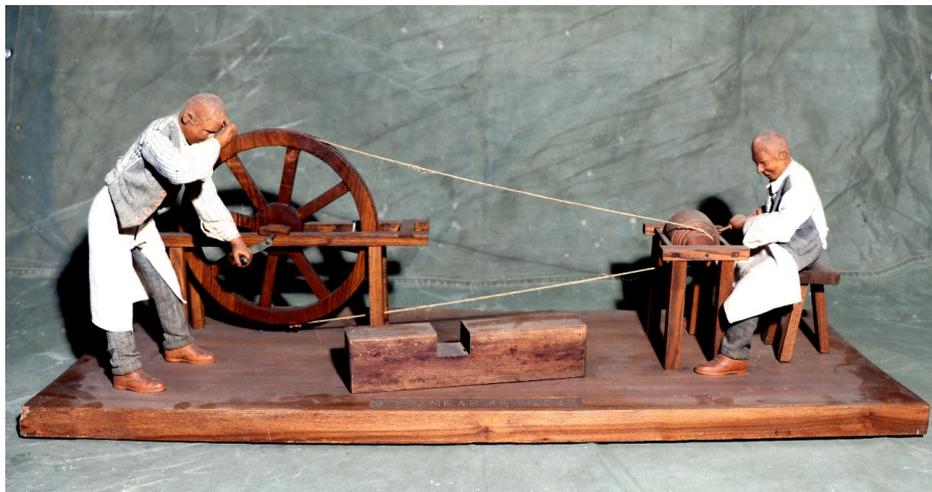


Não será muito comum encontrarmos personalidades tão polifacetadas como José Capela e Silva. Com uma formação de base do Regente Agrícola, oriundo da Beira Alta, terra de minifúndios, assim que contacta com a realidade rural alentejana, em 1903, especialmente por força da sua profissão, reconhece e regista pormenorizadamente, uma dura vivência que lhe era estranha. Como arguto observador e de fina sensibilidade social depara-se e choca-se com a dureza da vida campestre, num Alentejo abrasador, de terra muitas vezes madrastra, onde o camponês que nada tem, para além da sua força braçal, trabalha penosamente terras que lhe são alheias como se suas fossem. Mais se choca ainda com a disputa contínua entre a gente miserável e sofrida alentejana com os ranchos de deambulantes ratinhos, que ainda mais

⁰ Com o título "José Capela e Silva, do antropólogo neorrealista ao escultor hiper-realista (1884-1973)" apresentámos no Instituto Cubano de Antropologia, em Havana, Cuba, em 2023, uma versão adaptada deste texto durante a XV Conferencia Internacional de Antropologia, para o qual contámos com o apoio do CHAIA, Centro de História Arte e Investigação Artística, da Universidade de Évora.

miseráveis, aceitam qualquer trabalho a troco de um prato de comida. Quer nos textos, quer nas esculturas, José Capela e Silva, de uma forma continuada refere-se aos bandos de homens, mulheres e crianças que das terras da Beira, ainda mais pobres que o seco Alentejo, aqui procuram qualquer trabalho que lhes mate a fome, são os Ratinhos. Sem nunca o dizer explicitamente, Capela e Silva também se sente um Ratinho, quer pela sua origem geográfica, quer pela forma como se aventura em todas as tarefas que lhe oferecem, dentro da sua formação. Se olharmos para o percurso profissional de Capela e Silva reconhecemos um homem a que a tudo se predispõe e a tudo se dedica com entusiasmo. A diversidade de funções que exerce no Alentejo profundo, após a sua formação académica em Santarém, vão permitir-lhe contactar, de forma direta com o contínuo e imparável ciclo laboral da vida agrícola. Capela e Silva vai ter ainda a oportunidade de conhecer a dura realidade do trabalho rural da fase pré-industrial que, pelo menos desde o império romano, continuamente se repetia. Será, porventura, um dos últimos antropólogos sociais a poderem registar a dura realidade do trabalho braçal no penoso Alentejo. Esta realidade que noutros países já estava ultrapassada, com as novas tecnologias e que ele conhecia pela sua formação académica, encontra-a ainda bem presente nos latifúndios por onde deambula desempenhando as funções, primeiro de “Guarda-Livros”, entenda-se gerente de grande casa agrícola (Herdade de Fontalva), de Formador técnico agrícola em estabelecimento prisional (Colónia Penal de Vila Fernando), colaborador do Museu de Arte Popular ou, por último, no Gabinete de Informação Agrícola, posteriormente conhecido por Gabinete de Extensão Rural.

Figura 2. Abegão e ajudante ao torno



Pelos textos que produziu, quer em livros, quer em artigos de revistas ou jornais, Capela e Silva através da sua sensibilidade social, dá-nos uma visão do sofrimento atroz do trabalho do campo, especialmente das mulheres, que ainda muito antes do raiar do Sol já se aprontavam para a labuta, durante as mondas e especialmente das ceifas, sob um sol abrasador, que durava até que, no horizonte o avermelhado da estrela que nos alumia, se despedia depois de mais um dia de intenso calor. A descrição do esforço durante o árduo trabalho da ceifa, na altura de maior calor, desempenhado, maioritariamente por mulheres, que de corpo partido pela cintura segavam o mais rente possível os caules da planta do trigo. Capela e Silva descreve, com arguto pormenor e elevada sensibilidade social, essa labuta infundável sob o escaldante sol do Alentejo e denuncia os impropérios que o capataz constantemente bradava ao rancho de mulheres, mas especialmente às mais novas, que menos habituadas a estas tarefas viam as suas forças descaírem ao ponto de colapsarem sob a indiferença de quem nelas mandava. O restolho tinha de ficar o mais rente possível, obrigando a que mais baixo se segasse o trigo. Mulheres e homens partidos pela cintura debruçavam-se, quase rente ao solo, febrilmente para acompanhar o ritmo imposto pelo manajeiro. Ajudava a passar melhor o tempo e aliviar o esforço tremendo o canto, mais dolente ou mais alegre que os ranchos continuamente entoavam.

Retrata-nos o autor, com rigor o momento da paragem para o almoço, ou no fim do dia de ceifa. Antes de comer, os ranchos extenuados, sobretudo os das mulheres mais jovens, quebradas pelo esforço, caíam no restolho e ali permaneciam por algum tempo secando o suor que continuamente lhes corria pelo rosto até que a “manajeira” as chamava para a janta, porque a hora da “agarra” rapidamente chegaria. À hora do almoço, naturalmente comunitário, o “comer” ainda que parco era repartido, solidariamente, entre todo rancho.

Figura 3. Ceifeira em dia de acabamento



Se o duro trabalho feminino nos é minuciosamente retratado por Capela e Silva a labuta dos homens, especialmente na fase das sementeiras, ou da debulha sob a sempre compassada ordem militarista do manajeiro, ou do abegão, quando com animais se trabalhava, é descrito pormenorizadamente por Capela e Silva. No denominado tempo morto, especialmente entre a debulha e as primeiras sementeiras, outro trabalho ainda mais pesado era desempenhado pelos homens mais robustos e dispostos a ganhar mais alguns miseráveis tostões. Eram os “corta-ramas” que de malho na mão se atreviam a subir ao mais alto das azinheiras e sobreiras para as “limpar” dos ramos mortos. Trabalho de bem saber, mas pesado e perigoso, que só os mais afoitos sabiam fazer sob o olhar atento do manajeiro de corte, o Joaquim da Chóburra, que Capela e Silva nos descreve no seu precioso livro *Ganharias (1939)* e que em madeira de bucho igualmente o retrata.

O ciclo do trabalho agrícola, prenhe de vocábulos regionais que Capela e Silva criteriosamente registou no

seu livro *Linguagem Rústica do Concelho de Elvas (1947)* é nos descrito no precioso documento, infelizmente de muito difícil acesso, denominado *Ganharias*. “Ganharias” assim se denominavam os camponeses que ganhavam alguns míseros tostões para o sustento da sua família vendendo, à faina, o seu esforço nas herdades para onde eram temporariamente contratados.

Será provavelmente através do livro *Ganharias*, quando o autor já trabalhava na Colónia Correccional de Vila Fernando, como Regente Agrícola, já com mais de 50 anos de idade, depois de ter ajudado a administrar durante várias décadas a Herdade de Fontalva, no concelho de Elvas, propriedade do cavaleiro Ruy d’Andrade e de ter contactado, diariamente, com o trabalho rural, antes da mecanização, que regista o tremendo esforço a que o camponês alentejano estava sujeito até à emergência das máquinas agrícolas. Este precioso documento literário e antropológico, prenhe de sensibilidade social, será, porventura, um dos melhores registos da vida quotidiana do camponês alentejano pré-mecanização. O ciclo da labuta rural é descrito pelo autor através das festividades que marcavam as paragens obrigatórias das atividades agrícolas, sendo o *terminus* deste ciclo a Festa de S. Mateus de Elvas, que de forma pormenorizada no la descreve.

Embora nunca devidamente reconhecido pelos estudiosos da literatura portuguesa, provavelmente porque a difusão dos seus escritos se limitou ao interior do Alentejo e em edições limitadas, José Capela e Silva, no nosso entender deve ser incluído no ciclo literário neorrealista. Identificam os estudiosos da literatura que o Movimento Neorrealista deverá ter, na sua essência alguma carga ideológica. Naturalmente que, explicitamente, nunca a encontramos diretamente plasmada pelo autor nos seus textos, nem mesmo nas notas introdutórias, embora aqui e ali deixe escapar, por vezes algumas referências como ser considerado por alguns como “perigoso socialista” (pag.66) e falar sub-repticiamente da perigosa expressão “luta de classes” (pág.129). Estranha, sub-repticiamente, Capela e Silva, homem natural da Beira Alta, que se forma no Ribatejo, que o alentejano se sujeite a um tão desmesurado esforço, a troco de mísero salário e aos impropérios e desprezo explícito dos capatazes sem expressar grandes sinais e revolta. Se revolta há é contra os “Ratinhos” que lhes sugam o trabalho e lhes deflacionam as jornas. Ao longo da leitura dos seus interessantes e ricos textos raramente há referências aos donos das herdades. São figuras ausentes, ou porque de facto nunca estavam presentes, ou porque não interferem diretamente das fainas agrícolas. A tutela ou tutelas, geralmente descritas como grosseiras e tirânicas por Capela e Silva são sempre referentes aos manajeiros ou aos abegões. São eles os que nos seus textos exploram e abusam dos *ganharias*. O verdadeiro proprietário não nos é diretamente reportado pelo autor. Reconheçamos que toda a construção do principal livro de denúncia da exploração do camponês decorre no âmbito das atividades agrícolas da Herdade de Fontalva, propriedade do seu amigo Ruy d’Andrade, que o contrata para seu “Guarda-Livros” e que são, praticamente, da mesma idade. Haverá que reconhecer, também, que José Capela e Silva vai casar com uma terratenente de Santa Eulália e que à data da edição do seu principal livro, de características claramente neorrealista, patrocinado pela Casa de Bragança, *Ganharias*, ele já era Funcionário Público e assiste ao fim da Ditadura Nacional e os alvares do Estado-Novo onde já se mostravam os claros sinais da repressão que se começava a exercer sobre quem saísse das estreitas linhas que os preceitos ditavam. Naturalmente, como funcionário público e à data a trabalhar num Estabelecimento Correccional, não se poderia atrever a ir muito além da descrição e subtil denuncia da vivência dum povo que ele via sofrer de cansaço e fome num estranho silencio, apenas interrompido pelo canto com que aliviavam as horas de maior tormento, quebrados sobre as searas, debaixo dum sol escaldante.

Figura 4. A ceifeira



José Capela e Silva nasceu a 30 de novembro de 1884, na freguesia de S. Vicente, concelho da Guarda. Era filho de José Luís da Capela e de Maria Alves da Silva. Por influência e tradição familiar veio para Santarém, onde na Escola de Regentes Agrícolas incorporou a primeira formação deste estabelecimento. Em

1903 com o diploma na mão é convidado por Ruy de Andrade para Gestor Administrativo (Guarda-livros) da sua Herdade de Fontalva, no concelho de Elvas. Com a criação da Colónia Correccional de Vila Fernando, concelho de Elvas, incorpora, em 1932, mesmo nos finais do período da Ditadura Nacional o seu corpo letivo onde tem a seu cargo a formação agrícola dos jovens delinquentes que aí eram retidos.

Figura 5. O corticeiro



Mas, a razão desse deste breve artigo não se destina a recordar a produção literária de Capela e Silva. Pretendemos com ele dar a conhecer uma outra importante faceta deste verdadeiro antropólogo e linguista. A par da sua escrita José Capela e Silva, já na casa dos sessenta anos começa a esculpir, maioritariamente em madeira de bucho, os principais personagens que registara, anos antes, no seu livro *Ganharias*. Popularmente conhecidos por “Bonecos de Capela e Silva” ultrapassam claramente essa adjetivação, porque de verdadeiras peças escultóricas se trata. Se noutro material, como marfim, pedra ou metal, tivessem sido obtidas seriam hoje consideradas obras de elevado valor escultórico. Como o material em que Capela e Silva os produziu não é, infelizmente, reconhecido como de valor patrimonial por entre os ditos entendidos em arte foram, salvo raras exceções, secundarizados, esquecidos, mantidos em reservas e até destruídos ao longo dos tempos. Sabemos, inclusive que foram rejeitados pelos responsáveis pelo então Museu de Arte Popular, para quem Capela e Silva trabalhou como coletor no Alentejo, provavelmente por retratarem duma forma hiper-realista a expressão dura e de sofrimento do trabalhador rural alentejano. Pretenderiam os responsáveis por este museu do regime que nele apenas se retratasse a “alegria no trabalho” que o SNI (Secretariado Nacional de Informação) tanto propagandeou.

Figura 6. A mulher da monda



Fomos inicialmente alertados, para este ainda vasto conjunto de peças escultóricas, devido ao estado de abandono em que se encontrava a coleção que, encaixotada e esquecida, se amontoava numa das dependências da Junta de Freguesia de Alcáçovas. Depois dum primeiro contacto telefónico e exploratório, para confirmar a sua existência, conseguimos visitar e fotografar a coleção alguns dias depois. As peças, já fora das caixas onde originariamente se guardariam, mas descuidadas, cheias de pó e atacada de xilófagos exibiam-se em mesas e estantes. À data, em abril de 2021, sugerimos aos responsáveis pela Junta de Freguesia que procedessem a uma urgente desparasitação das peças porque os xilófagos atacavam, ferozmente, sobretudo as bases das peças, maioritariamente obtidas em sobre e azinho, menos resistentes do que a madeira

de bucho em que Capela e Silva produziu as esculturas. Igualmente, também já afetadas pelos insetos encontravam-se alguns dos pormenorizados trajos que vestem as esculturas deixadas por Capela e Silva na Vila de Alcáçovas. Identificada esta belíssima coleção, composta por oito peças, recordámo-nos que no Museu de Arqueologia e Etnografia de Elvas também estavam, condignamente, expostas várias peças de Capela e Silva. Devidamente autorizados pela edilidade identificámos e fotografámos as peças expostas e as que se encontravam em reserva. É composta esta belíssima e bem conservada coleção por dezoito peças. Na altura em que nos deslocámos a Elvas fomos informados por técnicas do museu que existiriam esculturas de Capela e Silva na posse de particulares. Posteriormente, tentámos ter acesso a essas peças, mas as nossas tentativas foram goradas. Contactado o Museu Joaquim Vermelho de Estremoz informaram-nos que também aí existiam, mas não expostas, alguns trabalhos escultóricos de Capela e Silva. Neste museu pudemos fotografar e inventariar catorze esculturas do mesmo autor. Pouco tempo depois e após alguns contactos informaram-nos que em Portalegre existiriam também peças escultóricas de Capela e Silva. Contactada a Direção do Museu fomos informados que nada constava de Capela e Silva. Optámos por procurá-las na Casa-Museu José Régio. No local nenhuma peça se encontrava exposta e consultado o inventário, igualmente nada existia. Ao mostrarmos, na receção, umas fotografias de outras peças de Capela e Silva uma funcionária que ocasionalmente ali se encontrava, de imediato nos informou que quando trabalhava no edifício dos Paços do Concelho se recordava de ter visto “vários bonecos desses no Gabinete da Presidência”. De imediato deslocámo-nos aos Paços do Concelho e aí tivemos acesso às peças que tanto procurávamos. Lá estavam, em estante exposta ao Sol, mais oito esculturas de Capela e Silva. A exposição direta e continuada ao Sol contribuiu para que, sobretudo os têxteis e as peles, se apresentem num estado de conservação deplorável. Praticamente todas as peças apresentam duas etiquetas de inventário, um como propriedade do município e outra do inventário do Museu Municipal a que pertencem. Depois de fotografadas e identificadas alertámos a Direção do Museu para que providenciassem melhores condições de conservação e segurança desta importante e significativa coleção. Reconheceu-se, então, pelo seu número de inventário que pertenciam ao Museu Municipal, mas no seu registo não constava o nome do autor, razão pela qual, no primeiro contacto não foram identificadas. Esperemos que após o nosso alerta esta coleção tenha melhor destino do que estar exposta, sem qualquer proteção e em contacto direto com a luz solar, no gabinete presidencial. Importa ainda referir que faz parte desta coleção a peça “O Semeador” que serviu de modelo à atribulada escultura, em mármore, que hoje se encontra no pequeno largo ao fundo da Rua de Elvas e que foi, inicialmente, promovida pelo Grupo dos Amigos de Portalegre (GAP), na década de 50³, liderada pelo Dr. Galiano Tavares, em homenagem ao duro trabalho agrícola que se praticava no Alentejo. Inspirados na pequena escultura de Capela e Silva pretendeu Galiano Tavares e seus Amigos produzirem uma estátua de dimensão significativa, elevada em amplo pedestal e amparada por galharda estrutura de betão onde se evidenciavam duas espigas de trigo. Foi entregue o projeto ao escultor Manuel Teixeira Lopes. Aparentemente, logo desde início, esta pretensão não terá sido bem acolhida pela edilidade que inviabilizou o arranjo envolvente. Se a iniciativa não agradou à edilidade o pior estava para acontecer. Terminada a escultura em mármore, em 1960, e transportada em camioneta desde Vila Viçosa ao ser descarregada no local partiu-se em mil pedaços tornando irrecuperável a sua reconstituição. A empresa encarregue do transporte e implantação da estátua assumiu a responsabilidade de mandar fazer outra cópia, só que esta veio a ser de muito menor dimensão e sem plinto que a elevasse, o que terá desagradado bastante a toda a direção do GAP, especialmente a Galiano Tavares. Assim, observamos hoje, um “pequeno homem”, quase rente ao curto relvado que o envolve, como lhe chamou o atual Bispo de Portalegre, ao chegar a Portalegre para tomar posse da sua diocese e que deixou perplexa a comunidade que o esperava à sua chegada à Sé. Nunca pensaria Capela e Silva que a partir da sua pequena escultura tanta história e desencontros provocasse em Portalegre. Terá sido nessa altura que Capela e Silva ofereceu ao Dr. Galiano Tavares uma sua escultura representando um pastor sentado, a comer, com colher de madeira, de dentro dum tarro e que a família cuidadosamente guarda e que nos facultou a sua fotografia.

Identificada, finalmente, a coleção de Portalegre alargámos as nossas buscas e depois de muito procurar viemos a saber que no Museu da Casa de Bragança, em Vila Viçosa, em espaço de reservas, se conservam,

também 13 peças da autoria de Capela e Silva, elaboradas entre 1946 e 1958, às quais não nos foi facilitado acesso direto para estudo. Estas terão sido adquiridas pela fundação ao seu autor. Natural seria que a Casa de Bragança possuísse peças de Capela e Silva, já que foi esta instituição que promoveu, noutros tempos, a edição do livro “Ganharias”.

Figura 7. O padeiro



Em Évora, pertença do Município, existem duas peças que terão ficado nesta cidade na sequência da exposição que aqui se realizou com a obra escultórica de Capela e Silva, que decorreu de 23 de junho a 2 de julho, de 1979, onde se reuniram cinquenta peças do autor. A exposição foi promovida pelos Serviços de Turismo da Câmara Municipal de Évora e pelo Grupo Pró-Évora. Editou-se, na ocasião, um breve folheto alusivo ao autor e à sua obra. Posteriormente, viemos a identificar outra peça na sede da Entidade Regional de Turismo do Alentejo e Ribatejo, proveniente do acervo do museu de Artesanato. Também, na sua terra adotiva, Santa Eulália, na sede da Junta de Freguesia viemos encontrar uma única peça, mais um Semeador, que faria parte duma coleção mais alargada que, entretanto, foi incorporada no Museu de Arqueologia e Antropologia de Elvas. Em conversa informal, junto ao balcão dum café de Santa Eulália, enquanto

recolhíamos informações sobre Capela e Silva, soubemos que na posse dum particular existe outra peça do mesmo autor, oferecida como prenda de casamento aos noivos. Recentemente, obtivemos a informação que no Restaurante D. Dinis, em Elvas, estariam algumas peças em exposição.

Figura 8. O pastor



Eventualmente, noutros locais haverá outras coleções de esculturas de Capela e Silva que ainda não identificámos. Não conseguimos, até ao presente, compreender a lógica da distribuição das coleções de Capela e Silva. Se as peças, em posse de particulares, poderiam ter resultado de ofertas personalizadas, como a que foi oferecida ao Dr. Galiano Tavares, na base da qual se lê a dedicatória que o autor lhe fez, ou a que ofereceu ao jovem casal como prenda de casamento, outro tanto não entendemos da razão

da existência de coleções espalhadas, aparente e aleatoriamente, em Alcáçovas, Elvas ou Estremoz, tal como também não entendemos porque não há notícia de peças suas, por exemplo em Vila Fernando, local onde vários anos este artista trabalhou. Em posse de particulares sabemos que existem várias, para além duma na posse do seu neto, Prof. Fernando Capela e Silva. Por exemplo no Herdade de Fontalva, onde Capela e Silva iniciou a sua vida profissional, existiam duas esculturas representando os dois cavaleiros tauromáquicos mais conhecidos da época, João Branco Núncio e Zézé Rosa Rodrigues, acompanhados pelos seus cavalos prediletos. Eram representados apeados ladeados pelos seus belos Lusitanos. O pormenor das esculturas de Capela e Silva, que trabalhava sempre à pequena escala de 1/5, é de tal fiabilidade que qualquer pessoa reconhece as incontornáveis figuras maiores da tauromaquia portuguesa de meados do século XX. Se o realismo com que descreve a dureza da vida do campo, bem plasmado, sobretudo no livro *Ganharias*, Capela e Silva transporta esse realismo para a sua escultura, conseguindo na madeira de bucho, sempre à escala de 1/5, representar os personagens verídicos que descreve no seu livro expoente máximo do neorealismo comprometido e denunciador, mas pouco comprometido ideologicamente, ou intensionalmente diluído. Se o pormenor dos traços fisionómicos das personagens que realmente existiram são de elevado rigor, tal como os trajos que vestem, de interesse maior se revestem os utensílios que acompanham as esculturas ou os conjuntos escultóricos. Tarros, foices, bordões, cajados, malhos, carroças, caldeiros, tropeços, dedeiras, cáguedas, gravatos, chocalhos, sachinhas da monda, francelas, tornos de abegão, concertinas, adufes, pandeiretas, búzios, castanholas, carroças ou carros de mulas, para além de animais, como cavalos, mulas, burros ou cães, acompanham as esculturas ou conjuntos escultóricos que Capela e Silva representou. Convém ressaltar todo o dinamismo e expressões corporais que o artista conseguiu transmitir à sua vasta produção artística. Os conjuntos escultóricos são, de facto, o melhor exemplo desse dinamismo. O animado baile de fim de faina, ou o movimento sincopado do sementeiro, ou a dolência da mula a puxar o arado, ou o delicado pormenor da mulher a fiar o linho, são bons exemplos do pormenor dinâmico e hiper-realismo da obra escultórica de Capela e Silva.

Figura 9. O porqueiro



Neste breve estudo que aqui apresentamos haverá que reconhecer que ainda muitas dúvidas subsistem

no que ao trabalho de Capela e Silva diz respeito. Para além de outras questões que já anteriormente colocámos, não conseguimos também, e por agora, entender a razão da repetição de várias figuras como o sementeiro, o pastor, o ratinho ou a ceifeira, entre outras, nalgumas coleções, ou mesmo dentro delas. O que teria levado o autor a replicar as mesmas peças? Teria intenção de criar várias coleções completas, mas a sua idade avançada já não o permitiu? Recordemos que ele só começa a esculpir já dentro dos sessenta anos de idade.

Figura 10. Rancho



Na escultura de Capela e Silva reconhecem-se as principais figuras da vida campesina que tão bem descreve no seu *Ganharias*. O João da Ameixa, também conhecido por Merendeiras, porque era o roupeiro, que bem fazia os célebres pequenos e cardados queijos, as merendeiras, lá o vemos esculpido em pau bucho a fabricar na francela. O inspirado sementeiro e também abegão de Barbacena, o Morrixa é representado em várias séries, sempre com o seu alentado movimento de espalhar regularmente a semente pelos campos fora. O pastor, encostado ao cajado, com ar pensativo. A ceifeira em ar de galhofa com o seu adufe no fim da jornada. O sisudo e robusto “corta-ramas”, ou a famosa Clotilde que dominava o seu rancho onde sobressaía a formosa Ana Justina, por quem todos os *Ganharias* se apaixonavam.

Figura 11. A roupeira



Claramente a obra escultória de Capela e Silva funciona como a materialização duma memória e duma denúncia que o seu livro *Ganharias* já comporta. É indissociável uma obra da outra, elas completam-se. Se fotografias não apresenta na obra literária a figuração ocorre anos depois através da sua escultura. Embora no livro *Ganharias* não sejam publicadas fotografias, encontramos num outro do mesmo autor, *A linguagem rústica do concelho de Elvas*, a reprodução de apenas quatro peças escultóricas. Aparentemente, Capela e Silva sentiu necessidade de com a sua arte de mãos perpetuar ainda mais a memória que plasma na sua escrita. Ele sente necessidade de retratar uma rude realidade que estava a terminar, primeiro com a introdução da máquina a vapor e posteriormente com o petróleo, ou gasóleo. O realismo que transmite na escultura em bucho, onde os mais ínfimos pormenores anatómicos são retratados, desde as veias, às rugas até às gotículas de suor, que ele já descrevera no *Ganharias*, na sua escultura ganham ainda mais expressão ao vestir as suas esculturas com os trajes característicos de cada uma das atividades que representa. O pormenor dos trajes, e não nos esqueçamos que ele esculpia à escala 1/5, exigia que toda a roupa, incluindo o padrão dos tecidos fosse executado à mesma escala. A fidelidade ao tipo de tecido e ao padrão da decoração obrigou a que um seu familiar, uma tia solteira, que vivia em Elvas, teria mandado fazer um pequeno tear para nele poder tecer os trajes com que vestia as figuras esculpidas pelo sobrinho. Esse preciosismo no rigor que já encontramos na escultura em bucho reconhecemo-lo, igualmente, nos trajes que vestem as figuras, sejam eles têxteis, couros, peles ou botões. Se para a execução dos têxteis um pequeno tear teve de ser montado para conferir o pormenor de escala que era exigido, para execução escultórica das suas peças, o Eng. Capela e Silva teve de fabricar toda a sua utensilagem, composta por mini formões, goivas, pequenas serras, plainas, furadores e raspadores que não encontraria nas raras lojas de ferramentas que existiriam. Com varetas de guarda-chuva construía as goivas e formões, os furadores eram miniaturas das brocas dos gateiros de loiça e o canivete bem afiado servia para o desbaste mais usual. Algumas esculturas, não sabemos porquê, apresentam bases profusamente decoradas comparativamente com outras onde uma simples tábua de castanho, ou azinho foi utilizado. Invariavelmente, nas bases das esculturas Capela e Silva numerou-as e identificou as personagens, muitas vezes com a reprodução, gravada de passagens do livro *Ganharias*. Casos há em que a identificação da peça foi obtida pela abertura de uma caixa na base de madeira e aí colado um pequeno papel com o excerto da parte do texto do livro *Ganharias*, alusivo à peça

escultórica. Também encontramos peças com a sua identificação manuscrita, a tinta, na base.

Figura 12. O sementeiro



Se consideramos os textos de José Capela e Silva inscritos no espírito neorrealista que marca, de forma indelével a escrita interventiva e de denúncia das condições de trabalho dos camponeses alentejanos, a sua escultura que complementa a sua escrita, deve ser considerada no âmbito da arte hiper-realista, tal o pormenor e rigor com que a executa.

Com o desaparecimento do Ratinho, o Engenheiro José Capela e Silva, aos 88 anos, em 8 de dezembro de 1972, fenece uma memória que assistiu à profunda mutação dum Alentejo onde um brutal trabalho braçal inalterado desde a romanização deu lugar a um Alentejo mecanizado. Mas paradoxalmente, se esta mecanização aliviou o esforço braçal, ainda mais fome espalhou nas comunidades locais. Se desde a sementeira, passando pela monda, pela ceifa e pela debulha as comunidades, ainda que regateando com os

ratinhos a jorna a cobrar, conseguiam trabalho e matar a fome a si e aos seus, com a chegada das máquinas, primeiro a vapor e depois a gasóleo só lhes restou uma solução, emigrar, ou para Lisboa ou para lá dos Pirenéus. E no Alentejo, hoje despovoado já não se ouvem os cantares melancólicos dos ranchos de ceifeiras que Capela e Silva tão bem conheceu e que em prosa descreveu e em madeira de bucho esculpiu. Hoje no profundo silêncio da planície alentejana apenas, de tempos a tempos, se ouve o ronronar de alguma máquina agrícola, entre as monótonas paisagens de monocultura de olivais e amendoais regados pelas águas retidas do Guadiana e do Caia e, de quando em vez, o som abafado de algum chocalho pendurado de algum gado que ainda sobrevive neste Alentejo que já despovoado, agora lentamente se desertifica.

Figura 13. O Tanganhadas



1. Inventário das Esculturas de José Capela e Silva, em 2023

1.1 Coleção do Museu Joaquim Vermelho em Estremoz

Figuras / legenda	Ano	Nº. peça	Ref. livro Ganharias	Observações
Mulher da azeitona	1948	50		
Gadanheiro	1947	54		
Manajeiro azeitona	1947	57		
Roupeiro	1948	59		Base de sobro com cortiça
Tardão	1947	40	Pag. 184	Sem testeis
Ratinhos	1947	56	Pag. 181	
Ganadeiro	1947	53	Pag. 99	
Ganadeiro	1947	55		
Ganhão em dia de folga	1948	61		
Mulher da monda	1948	62		
Semeador	1947	52		
Alto Alentejo em dia de acabamento	1947	57		
Mulher da ceifa	1948	58		
Rancho	1947	50		

1.2 Coleção da Junta de Freguesia de Alcáçovas

Figuras / legenda	Ano	Nº. peça	Ref. livro Ganharias	Observações
Avó e Neto	1948	77	Pag.128	A fazer braçadeiras para a ceifa
Corticeiro	1949	89		
Ganadeiro e artista	1949	85		
Arranjar uma azeiteira	1949			Decoração da peça
Guarda da herdade	1949			
Semeador	1948	76	Pag. 76	Belga
Roupeiro	1949			Léxico
A tornear as Maças	1949			

1.3 Coleção Museu Municipal de Portalegre

Figuras / legenda	Ano	Nº. peça	Ref. livro Ganharias	Observações
Mulher da ceifa de madrugada	1946	41	Pag. 133	
Boieiro	1952	VII		
Ganadeiro com a samarra	1954	XXVII		
Semeador	1946	42		Base trabalhada com folhas
Porqueiro	1952	X		Com legenda
Pastor	1949	94	Pag. 99	
Semeador	1952	XVI		Com caixa de texto
Ganadeiro de Portalegre	Sem	Sem		Peça especial

1.4 Coleção Museu Arqueologia e Etnografia de Elvas

Figuras / legenda	Ano	Nº. peça	Ref. livro Ganharias	Observações
Tocando buzio	1946	30		
Dia de acabamento	1945			
A caminho da cegonha	1946	26		Antes do capitão carpinteiro
Mulher da ceifa Alentejo				
Guarda	1946	24	Pag. 138	O Tanganhadas
Ganadeiro	1946	33		
Rôpeiro	1946	25	Pag. 111	
Ratinho	1946	27	Pag. 181	
vaqueiro				
Pastor de gravata	1946	34	Pag. 99	
Dá la licença	1945	28		Dia de acabamento\rancho
Cozinheiro	1946	23	Pag. 39 e 40	
Mulher da monda	1946	29		
Gadanheiro	1945	12		
Amassador	1946	28		
Semeador	1945			
Pastor	1944			
Tirar água				

1.5 Coleção do Museu da Fundação Casa Bragança Vila Viçosa

Figuras / legenda	Ano	Nº. peça	Ref. livro Ganharias	Observações
Ganadeiro no poço	?	?	?	Sem acesso direto
Rancho da azeitona	1946	?	?	Sem acesso direto
Véspera da ceifa	?	?	?	Sem acesso direto
Ganadeiro a dar um safarra à gadanha	1958	LXII	?	Sem acesso direto
Ganadeiro a picar a gadanha	?	?	?	Sem acesso direto
Barbeiro e cliente	1958	LXIV		Sem acesso direto
Gadaneiro	?	?	?	Sem acesso direto
Gado desdobrado	?	?	?	Sem acesso direto
Tocando ronca	1957	?	?	Sem acesso direto
Ganadeiro com pelico e cocheira	?	?	?	Sem acesso direto
Rede de palha	1953	?	?	Sem acesso direto
Acarreto	?	?	?	Sem acesso direto

1.6 Coleção Câmara Municipal de Évora

Figuras / legenda	Ano	Nº. peça	Ref. livro Ganharias	Observações
Pastor	1955		Évora	
mulher da ceifa	1955		Évora	

1.7 Entidade Regional de Turismo do Alentejo e Ribatejo - Évora

Figuras / legenda	Ano	Nº. peça	Ref. livro Ganharias	Observações
Ganadeiro com a Samara		XXVI		

1.8 Peça Junta da Freguesia de Santa Eulalia

Figuras / legenda	Ano	Nº. peça	Ref. livro Ganharias	Observações
Semeador				Poema Conde de Monsaraz

1.9 Peças de Particulares

Figuras / legenda	Ano	Nº. peça	Ref. livro Ganharias	Observações
Mulher a fiar	1947			Neto
Semeador	?	?		Prenda de casamento
Pastor	1950	95		Oferta ao Dr. Galiano Tavares
Toureiro João Branco Nuncio	?	?		Fontalva
Toureiro Zézé Rosa Rodrigues	?	?		Fontalva

Figura 14. Peças de José Capela e Silva expostas no Museu de Elvas



2. Bibliografia de referência:

Capela e Silva, J.A. (1935); *Esboços da vida Rural no Concelho d'Elvas- I As Sementeiras*, “Arquivo Transtagano”, Elvas.

Capela e Silva, J.A. (1939); *Ganharias*, Imprensa Baroeth, Lisboa.

Capela e Silva, J.A. (1947); *Estudos Alentejanos- A linguagem Rustica do Concelho de Elvas*, Edição da “Revista de Portugal”, Lisboa.

Capela e Silva, J.A. (1951); *A vida rural no Alentejo*, Ed. Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz.

Capela e Silva, J.A. (1963); *Estudos Alentejanos – as críticas acerca da Linguagem Rustica do Concelho de Elvas*, Linhas de Elvas, Elvas.